

ENTRE PALAVRAS E IMAGENS: UMA NARRATIVA SOBRE A COLEÇÃO DE ARTES DE MURILO MENDES

Felipe Andrade da Rocha*
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

Esse estudo parte da construção de uma narrativa sobre Murilo Mendes, como colecionador de artes. Mendes, nascido em Juiz de Fora, foi um poeta de reconhecimento nacional e internacional. Sua obra poética foi tema de estudo de diversos intelectuais, como por exemplo, Giulio Carlo Argan. Todavia, além de poeta, Murilo também foi crítico de arte e um entusiasmado colecionador de artes plásticas. Expandindo a definição de Baudrillard (2008, p. 98): "(...) O objeto é assim, no seu sentido estrito, realmente um espelho: as imagens que devolve podem apenas se suceder sem se contradizer.", acreditamos que a coleção de artes de Murilo Mendes é capaz de refletir e apurar a sua história, como também revelar dados da sua trajetória artística. A pesquisa também tem como objetivo relacionar a produção literária do poeta junto da coleção de artes visuais, a fim de comprovar sua utilidade como um laboratório criativo. Atualmente o acervo se encontra no museu de arte Murilo Mendes, instituição ligada a Universidade Federal de Juiz de Fora, sendo parte importante no contexto cultural regional. Embora já existam muitos estudos acerca da obra literária de Murilo Mendes, poucas são as pesquisas relacionadas com a coleção de arte do poeta. A busca por mais informações se propõe a fomentar o interesse pelo acervo de artes visuais de Murilo, que contém aproximadamente 200 obras, de artistas brasileiros e de diversas outras nacionalidades, para assim, permitir um acesso maior às obras, tantos pelos pesquisadores, como para o público do museu.

Palavras-chave

Coleção; Museu Murilo Mendes; Crítica de Arte.

Abstract

This study starts with the construction of a narrative about Murilo Mendes as an art collector. Mendes, born in Juiz de Fora, was a poet of national and international recognition. His poetic work was the subject of study of several intellectuals, such as Giulio Carlo Argan. However, as well as being a poet, Murilo was also an art critic and an enthusiastic collector of fine arts. Expanding Baudrillard's definition (2008: 98): "(...) The object is thus, in its strict sense, really a mirror: the images it returns can only happen without contradiction.", We believe that Murilo Mendes' collection of art is capable of reflecting and clarifying its history, as well as revealing data about its artistic trajectory. The research also aims to relate the poet's literary production to the collection of visual arts in order to prove its usefulness as a creative laboratory. Currently the collection is in the Murilo Mendes art museum, an institution linked to the Federal University of Juiz de Fora, being an important part of the regional cultural context. Although there are already many studies about the literary work of Murilo Mendes, there are few researches related to the poet's art collection. The search for more information aims to foster interest in Murilo's visual art collection, which contains approximately 200 works by Brazilian artists and several other nationalities, thus allowing greater access to works by researchers as well as the public of the museum.

Keywords

Collection; Murilo Mendes Museum; Art Critic.

No que abrange os estudos sobre Murilo Mendes, a sua obra poética é provavelmente o assunto mais abordado entre os pesquisadores. Contudo, Murilo Mendes além da poesia, também escreveu textos de diversas naturezas, como por exemplo, aqueles destinados a crítica de arte. Todavia, quando o interesse sobre Mendes é fundamentado dando enfoque no seu papel como colecionador de artes, ainda percebemos uma demanda por trabalhos que possam traçar uma visão mais aprofundada sobre Mendes e as obras de arte por ele reunidas.

Ao buscarmos retratar Murilo Mendes, levamos em consideração a construção da biografia do seu escritor imaginário. Conceito apresentado por Amoroso em:

A primeira distinção que faz, muito simples, contrapõe o autor “real” ao “textual” e ao “imaginário”. O primeiro é aquele senhor, possuidor de um endereço, uma vida civil, uma biografia; o segundo é o sujeito textual, o nome cravado na capa do livro, seu autor. Por fim, o “escritor imaginário” é o autor no modo como ele se representa, como se faz ou se deixa representar. (AMOROSO, 2013, p.8).

Logo, um dos objetivos da pesquisa é permitir construir uma narrativa capaz de revelar dados sobre Murilo a partir da maneira como o escritor se deixou materializar. Aproximando a forma presente em seus livros por meio do seu “escritor imaginário”, junto da maneira como organizou sua coleção de artes, acreditamos ser possível estabelecer uma nova visão sobre Murilo Mendes. Já que atribuímos uma forte influência entre as obras de arte colecionadas sobre o seu exercício de escrever. Assim como Baudrillard argumentou sobre o significado de possuir um objeto, expandimos esse sentido para os objetos da coleção de artes, entendendo a mesma, como um reflexo do seu colecionador: “(...) O objeto é assim, no seu sentido estrito, realmente um espelho: as imagens que devolve podem apenas se suceder sem se contradizer. É um espelho perfeito já que não emite imagens reais, mas aquelas desejadas.” (BAUDRILLARD, 2008, p.98).

Outro argumento que possibilita uma melhor compreensão sobre Murilo Mendes: colecionador de artes, é a definição de Walter Benjamin para o ato de colecionar em seu texto *O Colecionador*. Dado que o poeta ao adquirir as obras, as reorganizou estabelecendo novos significados para as mesmas, extrapolando a função inicial, na razão de utilizar a coleção como um laboratório criativo, conceito que abordaremos ao longo do artigo. Luiza Pereira definiu o processo decorrente das aquisições das obras como uma “rede de dados culturais, artísticos, mas também pessoais e afetivos” (PEREIRA, 2002, p. 13), posto que Murilo só reunia obras de artistas com as quais ele se identificava. É por isso que a análise da coleção de artes visuais do poeta permite a compreensão mais ampla da personalidade artística ou em outras palavras, o “escritor imaginário” de Mendes.

Ainda segundo Benjamin: “A transmissibilidade de uma coleção é a qualidade que sempre constituirá seu traço mais distintivo.” (BENJAMIN, 2004, p. 234), e considerando todas as lembranças e memórias possíveis de averiguação na formação da coleção do poeta, podemos perceber o acervo de artes visuais como uma fonte nova e relevante na construção da trajetória artística e biográfica de Murilo Mendes.

As pesquisas destinadas a compreensão do acervo de artes do escritor começaram nos anos 90, e coincidem com a institucionalização da coleção pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 1994, sendo inicialmente acomodado no recém-criado Centro de Estudos Murilo Mendes (CEMM). Em 2005, o CEMM foi transformado no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM).¹

A coleção formada por cerca de 200 obras de artistas nacionais e internacionais é um dos mais significativos acervos público de arte moderna no país. Artistas como: Vieira da Silva, Arpad Szenes, Picasso, Arp, Braque, Miró, James Ensor, Max Ernst, Rouault, De Chirico, Magnelli e Severini são alguns dos nomes da parte estrangeira da coleção. Já no âmbito nacional estão presentes artistas como: Guignard, Portinari, Ismael Nery, Lívio Abramo, Flávio de Carvalho, Geraldo de Barros, Jorge de Lima, dentre outros. Assim como sua obra poética, a coleção de arte do escritor, privilegiou a diversidade, já que a mesma reuni obras com muitas técnicas, temáticas e suportes distintos. As obras prevalecem na forma de gravuras (dentre elas: litografia; serigrafia, gravura sobre papel) e outras técnicas que utilizam o papel como superfície, como aquarelas; guaches; grafite; o uso de polietileno e técnicas mistas, variando de retratos até temáticas abstratas (em grande número presente na coleção).

Murilo Monteiro Mendes nasceu em Juiz de Fora no ano de 1901. Mendes teve seu primeiro livro publicado apenas em 1930, recebendo neste mesmo ano, o prêmio Graça Aranha pelo espírito inovador e de acordo com o ideal modernista daquele período, que pode ser melhor entendido quando o aproximamos das primeiras vanguardas do século, que possuíam como características, programas amplos que evitavam uma especialização estética, e que se apresentavam por meio de uma temática popular e com um humor irônico. Todavia, a carreira como escritor de Mendes já havia começado muito antes, quando o mesmo escrevia artigos para jornais em Juiz de Fora e através de publicações de poemas em revistas modernistas entre os anos de 1924 a 1929.

Ao longo de sua trajetória Murilo passou por inúmeras dificuldades. Após mudar de emprego várias vezes e até mesmo ficar um tempo desempregado, Mendes já decidido sobre sua carreira, só foi obter uma aceitação e ajuda familiar em 1930. O exercício de lecionar, foi o que melhor se encaixou junto da sua atividade de escritor. Sua primeira viagem à Europa, em 1952, foi uma prática para divulgar e apresentar a cultura brasileira no exterior, exercício que se consolidou com a sua mudança definitiva para a Itália em 1957, onde Mendes se tornou professor de Cultura Brasileira na Universidade de Roma.

Contudo, Murilo Mendes além de escrever, também cultivou como prática, o hábito de colecionar objetos, ou melhor, colecionar signos. Conforme própria declaração do poeta no livro de memórias *A idade do Serrote*, seu hábito de recortar, colar e, portanto, colecionar, começou ainda cedo, costume que o mesmo chamou de “o olho precoce” (MENDES, 2003, p. 176). Ele gostava de selecionar fotografias de quadros, estátuas, cidades, homens e mulheres, mas também reunia fotografias de estrelas e planetas, de alguns animais e de muitas plantas. E como o mesmo explica, o seu interesse não partia somente daquilo que era visível, mas também pelo invisível, ou seja, pelo significado que aquelas imagens carregavam para ele: “Cedo começei minha fascinação pelos dois mundos, o visível e o invisível. E não escrevi São Paulo que este mundo é um sistema de coisas invisíveis manifestadas visivelmente? Não vivemos inseridos num contexto de imagens e signos?” (MENDES, 2003, p. 176).

É fundamental o entendimento desse contexto para a análise que trabalharemos ao longo desse artigo. Utilizamos o mesmo princípio da expressão de Horácio *“ut pictura poesis”*, para demonstrar a importância da relação entre duas formas diferentes de se expressar a arte, mas que podem existir em um âmbito harmonioso. Ao relacionarmos a produção literária do poeta junto de sua coleção de artes visuais, entendemos a coleção não só como um reflexo do colecionador, mas também como um laboratório criativo, servindo para aproximar a produção literária de Mendes com as obras por ele colecionadas, buscando dessa maneira as similaridades entre a imagem e a palavra.

O exercício de colecionar, que começou com os pequenos recortes e fotografias, se ampliou, indo dos livros até as obras de artes que hoje constituem sua coleção. Foi essa a forma que Murilo Mendes conseguiu para se aproximar de outras realidades, e assim, estabelecer ligações com o restante do mundo. Ao mudar para o Rio de Janeiro, o poeta, em um primeiro momento, começou a colecionar trabalhos dos amigos

artistas, e graças a sua rede de sociabilidade, Murilo conseguiu ganhar muitas obras de arte, seja na forma de presentes ou até mesmo na troca de favores artísticos. Mais tarde, ele expandiu esse costume para obras de artistas com quais se reconhecia, estabelecendo dessa maneira, ligações indiretas.

Já o autor de *A idade do serrote* reuniu, de modo mais acentuado, obras que indicam suas amizades mais próxima ou artistas que apontam para sua longa estada na Europa, conferindo maior contemporaneidade à sua coleção (...) pensemos ainda que se o ato de colecionar é o ato de eger, é também querer ser reconhecido pelo fato de reunir objetos únicos. É ainda o de constituir um retrato de si mesmo através do legado que foi coletado. (...). Assim é que as amizades que buscam nas artes suas afinidades eletivas, trocam não só influências intelectuais, mas objetos como forma de admiração (ELEUTÉRIO, 2001, p. 34-35).

Ao associar imagem e signo, Murilo atribuiu significados, e iremos demonstrar como estes exerceram influência direta naquilo em que ele escrevia. Ao reconhecer a importância da trajetória de Mendes como colecionador, permitimos uma nova visão sobre as obras que fizeram parte da coleção, e que atualmente fazem parte do acervo do Museu de Arte Murilo Mendes. A diversidade temática da coleção dificulta a sua classificação dentro de uma mesma técnica, ou movimento do modernismo, logo a figura do colecionador, se torna central para uma melhor compreensão do aspecto geral da coleção e também do próprio entendimento individual das obras reunidas pelo poeta. Além das obras de arte visuais, o acervo também reuni porções da biblioteca do escritor, assim como outros objetos sobre o poeta, como correspondências que ele trocou ao longo da vida, dentre outros, sendo uma importante instituição da cultural nacional e de forte influência local.

Este artigo, para melhor exemplificar os conceitos apresentados, se concentra no estudo do intervalo de 1921 ao final de 1937, período em que Murilo Mendes se estabeleceu na cidade do Rio de Janeiro. Iremos focar na sua amizade com Ismael Nery, enfatizando o aspecto religioso do poeta, que após a morte do seu melhor amigo e mentor Ismael em 1934, se converte a religião católica, através de uma intensa passagem, descrita de forma detalhada por Pedro Nava em 1983 no livro *O Círio Perfeito*.

A amizade entre Ismael e Murilo começou em 1921, enquanto Murilo trabalhava como arquivista na Diretoria do Patrimônio Nacional, Ministério da Fazenda, Ismael atuava como desenhista da Seção de Arquitetura e Topografia da mesma instituição. Nery, de família abastada, pode realizar diversas viagens ao continente europeu. Junto de Murilo Mendes e outros intelectuais, Ismael promovia encontros em que se debatiam os mais diversos assuntos, mas com atenção redobrada as temáticas artísticas. Foi por intermédio de Ismael que Murilo conheceu o surrealismo.

Reconstitui também épocas distantes, a década de 1920, quando Ismael Nery, Mário Pedrosa, Aníbal Machado, eu e mais alguns poucos descobríamos no Rio o surrealismo. Para mim foi mesmo um *coup de foudre*. Claro que pude escapar da ortodoxia. Quem, de resto, conseguiria ser surrealista em regime de *full time*? Nem o próprio Breton. Abracei o surrealismo à moda brasileira, tomando dele o que mais me interessava: além de muitos capítulos da cartilha inconformista, a criação de uma atmosfera poética baseada na acoplagem de elementos díspares. Tratava-se de explorar o subconsciente; de inventar um outro *frisson nouveau*, extraído à modernidade; tudo deveria contribuir para uma visão fantástica do homem e suas possibilidades extremas. Para isto reuniam-se poetas, pensadores, artistas empenhados em ajustar a realidade a uma dimensão diversa. Os surrealistas, com efeito, não se achavam fora da realidade. (MENDES, 1994, p. 1238-1239).

O surrealismo, corrente artística sempre relacionada a ambos os autores, se apresentou de maneira própria, tanto nos escritos de Murilo, como nas pinturas de Ismael. É possível averiguar essas características por meio da análise do sistema filosófico denominado essencialismo, atribuído a Nery por Mendes:

Ismael tinha apenas 25 ou 26 anos de idade, e já os seus próximos sabiam que havia construído um sistema filosófico muito original, apesar de o não escrever. Era o essencialismo, baseado na abstração do tempo e do espaço, na seleção e cultivo dos elementos essenciais à existência, na redução do tempo à unidade, na evolução sobre si mesmo para a descoberta do próprio essencial, na representação das noções permanentes que darão à arte a universalidade. Já se vê que ele não improvisou um tal sistema. Suas raízes vinham de longe: embora muito pouco dado a leituras, era Ismael extremamente curioso de todas as experiências humanas, passando sempre em revista as teorias mais diversas. Sua vida e as poucas notas que deixou provam que Ismael Nery viveu seu sistema, julgando por ele próprio uma introdução ao catolicismo. (MENDES, 1996, p. 65).

Segundo a filosofia essencialista, o homem detém um fim objetivo para o qual caminha naturalmente:

A vida é essencialmente dinâmica; ao nascer, partimos logo para a morte, na qual devemos chegar tendo adquirido no percurso todos os elementos que nos façam aceita-la tão naturalmente como aceitamos todas as transformações que nos são impostas pelo tempo. (BRANDÃO, 2009, p. 38-40).

No essencialismo, o espaço e o tempo são os elementos mais significativos e investigados, que coincidem com o surrealismo por serem compreendidos através da abstração. Abstração é uma palavra que vem do verbo latino *abstrahere*, que significa retirar, separar. E que também designa um processo empregado na filosofia, na psicologia e na arte, no qual o objeto de reflexão é isolado de uma série de fatores que comumente lhe estão relacionados na realidade concreta.

Moura identifica muitas semelhanças entre a poética muriliana com a estética surrealista, especialmente por causa dos processos combinatórios e a transfiguração da realidade feitos pelo escritor. Joana Matos Frias evidencia a de transfiguração da realidade, expondo mais uma vez a semelhança compartilhada com o surrealismo:

Um dos grandes impulsos de Murilo Mendes para este cenário surreal residuiu, desde o início da sua atividade criadora, numa urgência compulsiva, de raiz rimbaldiana, de transformar o mundo pela imaginação. A sua poesia é inequivocamente presidida pelo poder do imaginário que assinala esta vertente fundamental da poesia moderna, com corolário no próprio Surrealismo, e que faz da poesia a criação do incrível, através do esgotamento e da metamorfose contínua do real. (FRIAS, 2002. p. 44.)

A abstração do espaço e do tempo aplicados à vida está exemplificada no poema Mapa, de Murilo Mendes:

Estou com meus antepassados, me balanço em arenas espanholas,
é por isso que saio às vezes pra rua combatendo personagens imaginários
depois estou com os meus tios doidos, às gargalhadas,
na fazenda do interior, olhando os girassóis no jardim.
Estou no outro lado do mundo, daqui a cem anos, levantando populações...
Me desespero porque não posso estar presente a todos os atos da vida.
(MENDES, 2009: 42).

Para o essencialismo, tudo o que aconteceu durante a história tem o seu valor e utilidade, nem que seja apenas como experiência. No entanto, devido aos traumas oriundos dos conflitos de escala global, como governos ditatoriais, desvalorização do bem-estar social em função do predomínio do capital, dentre outros

fatores que a humanidade se encontrava no período de Murilo, fizeram com que o mesmo julgasse necessário selecionar e ordenar essas experiências: “O homem essencialista é, portanto, o homem que, tendo esgotado as experiências que a vida oferece, procura extrair uma filosofia fundada nos resultados de suas seleções”, e partindo do princípio humanista Murilo atribuía as artes, a função de instruir o homem por meio de uma missão educadora com a finalidade de transformar a sociedade.

Ismael Nery acreditava que se suas ideias fossem verdadeiras, haveriam de se transmitir naturalmente nas gerações, não importando que aparecessem com o nome dele ou de outro, logo ele não se preocupou de deixar nada muito substancial escrito sobre o tema, ficando ao cargo de Mendes o registro escrito sobre o essencialismo. Ainda segundo convicção de Ismael, Murilo esclareceu que “O homem deve representar sempre em seu presente uma soma total de seus momentos passados” (*apud* BRANDÃO; BARBOSA; RODRIGUES, 2009, p. 42).

Ismael Nery desde muito cedo sofreu influência da religião católica, que acreditou ser indispensável na apreensão do essencialismo. Ainda durante a sua infância, após a morte do pai em 1909, sua mãe tornou-se irmã da Ordem Terceira de São Francisco, influenciando toda a trajetória do filho (BARBOSA, RODRIGUES, 2009, p. 30). Murilo Mendes ao retratar o catolicismo de Ismael Nery, acabou denunciando características inerentes a ele próprio:

Ismael Nery era o oposto do catolicão, desse tipo antipático e ridículo cujas atividades se reduzem em ir à missa, falar mal do comunismo e se escandalizar com os banhos de mar. Como verdadeiro católico que era, sua inteligência se preocupava com todas as pesquisas do espírito, e pelo contínuo método da abstração, fazia frequentemente “cortes” nos fatos e nas ideias a fim de levá-los a um plano universal. (*apud* LIMA, op.cit.. 38.)

Murilo, assim como Ismael, foi um católico de prática pouco ortodoxa, o que Mário de Andrade classificou como: “(...) o catolicismo de Murilo Mendes guarda a seiva de perigosas heresias.” (ANDRADE, 1972, p. 47), visto que muitos de seus primeiros escritos religiosos apresentavam como característica, um forte erotismo por meio de imagens femininas, o que resultou em um afastamento dos leitores, que Júlio Castañón Guimarães definiu bem em: “Em suma, sua poesia é suspeita para os não-católicos pelo simples fato de ser religiosa; é também suspeita para os próprios católicos porque espicaça o conservadorismo religioso” (GUIMARÃES, 1986, p. 53). Evidente no poema abaixo:

A igreja toda em curvas avança para mim,
Enlaçando-me com ternura – mas quer me asfixiar.
Com um braço me indica o seio e o paraíso,
Com outro braço me convoca para o inferno.
 (“Igreja mulher”, MENDES, In: GUIMARÃES, 1986, p. 53).

Para entender a relação entre as obras colecionadas por Mendes e o seu processo de escrita, é fundamental observar três características primordiais na poética de Murilo Mendes: A atitude combinatória de elementos dispares; a ideia de que os elementos combinados precipitam a aparição de algo “novo”, ou um terceiro elemento “diferente”; e a defesa da montagem, que é a recusa ao papel de simples reprodução da realidade e que pretende, ao contrário, agir sobre ela, transfigurando-a. (MOURA, 1995, p. 32). Ainda segundo Murilo Marcondes de Moura (MOURA, 1995, p. 25), Mendes vai enfatizar o privilégio da imagem, ou da “metáfora com toda a sua carga de força”, representando uma posição do autor em favor de uma poesia de criação, criação intimamente associada a uma atitude combinatória. Dessa maneira, quando Murilo Mendes afirma:

Digo-te que invento o livro de imagens
Para ressuscitar a infância

– Não a verdadeira, mas a que sonhei.
(MENDES, Murilo. “Confidência”).

Ele evidencia a função que talvez seja a mais importante para a sua poesia, a de transfiguração da realidade, outra semelhança compartilhada com o surrealismo:

O curioso em Murilo Mendes está em que a sua proposta de conhecimento da “essência”, com tudo o que ela possa conter de conservadorismo, incorporou as técnicas estéticas mais modernas. Pode-se dizer que a fusão de pensamento religioso e vanguarda artística é o aspecto mais distintivo de sua obra. Muitos críticos do poeta expressaram sua perplexidade diante desse paradoxo. A perspectiva do tempo nos ajuda a encará-lo, no entanto, com mais tolerância: a religiosidade do autor – o essencialismo, segundo o próprio Ismael Nery, era uma introdução ao catolicismo – manifestava-se sempre como desejo utópico de totalidade e abrangência, e, com raríssimas exceções, nunca se mostrou de posse de qualquer verdade dogmática, consumindo-se, ao contrário, na exploração, que se sabia aproximativa, de outras possibilidades da experiência humana. “ (MOURA, 1995, p. 48).

Marcondes Moura chama a atenção para aquilo que Murilo atribuiu como a função mais importante da poesia, ou seja, a sua capacidade de transfiguração da realidade. Por mais que a arte se apresente muitas das vezes na condição de objetos materiais, inorgânicos, os objetos artísticos são dotados de uma capacidade de transformação, pois ao realizarmos o julgamento estético, levamos em consideração virtudes que somente existem em esferas emocional e intelectuais e que sucedem quando nos conectamos ao objeto artístico. A fruição, quando acontece, move as pessoas, mexe no íntimo. E é justamente neste contexto, que Murilo Mendes, nas palavras de Moura, desejou uma poesia inclusiva, capaz de poetizar a vida, configurar uma reação no mundo real (MOURA, 1995, p.15). Talvez isso justifique a transfiguração da própria biografia do poeta, aspecto em evidência no livro *A Idade do Serrote*, em que o poeta narra sua infância em Juiz de Fora de maneira espetaculosa, fazendo o leitor duvidar da autenticidade dos fatos, que impressionam pelo lirismo fantasioso.

Apesar de demonstrar de maneira sucinta aspectos da imagem poética de Murilo Mendes, este artigo se propôs a aproximar a coleção de artes visuais do escritor com os textos que o mesmo desenvolveu durante sua vida. O foco desse estudo foi um período muito importante para Mendes e que influenciaria todo o seu percurso.

Ao longo de sua pesquisa Moura demonstrou como a poesia de Mendes percorreu um caminho singular, e que mesmo apresentando vários pontos em comum com a estética surrealista, não se encaixou por completo no estilo, principalmente por não utilizar a escrita automática, método caracterizador do movimento. Murilo Mendes demonstrou estar sempre consciente dos seus processos de composição, e mesmo utilizando a combinação de elementos díspares, a valorização da imagem, o poeta juiz-forano construiu sua poética de maneira muito pessoal. Segundo Castanõn a trajetória artística de Murilo foi definida, como partindo do surrealismo apresentado pelo amigo Ismael Nery rumo ao construtivismo, influência do ambiente artístico romano, discordando da visão de Moura, que acredita que Murilo se manteve exclusivamente próximo do surrealismo.

Procuramos não definir Mendes em uma única linha estética, mas sim, oferecer consideráveis possibilidades de reflexão para as obras por ele colecionadas. Essa posição universalista é uma outra vertente importante amadurecida nos anos 20, pois contrariava a pesquisa do “caráter nacional” – hegemônica naquele instante do modernismo no Brasil. Ela é um dos fatores responsáveis pelo lugar diferenciado e avulso que Murilo Mendes passou a ocupar a partir de então dentro da poesia brasileira contemporânea. E embora este estudo se concentre em um único artista colecionado por Mendes,

procuramos demonstrar as possibilidades de reflexões para as demais obras e enfatizamos que essa rica diversidade é característica não somente na obra poética de Murilo, mas também na sua coleção de arte. Para concluir, selecionamos uma obra de Ismael Nery presente no acervo, *A Enseada de Botafogo*, junto com um poema com o mesmo título de Murilo Mendes:

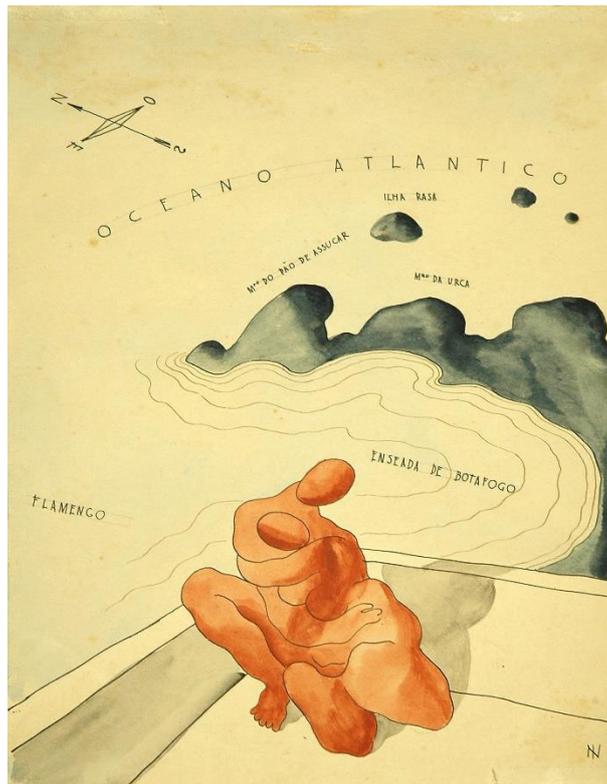


Fig. 1 - Ismael Nery, *A Enseada de Botafogo*, tinta da China e aquarela sobre papel, 35,8 x 27,9 cm, 1928, coleção MAMM, MG.

A Enseada de Botafogo

Há uma mulher na pedra
Que desafia a eternidade
Deus pensa a eternidade na pedra
A eternidade é mulher
A pedra desafiada pelas nuvens
E pelo mar que pretende miná-la pouco a pouco
É consolada pelas gaivotas.
(Murilo Mendes).

Referências

- ANDRADE, Mário de. "A poesia em Pânico". In: *O empalhador de Passarinho*. São Paulo, Martins, 1972, pp. 45-53.
- BARBOSA, Leila Maria Fonseca e RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira. *Ismael Nery e Murilo Mendes: reflexos*. Juiz de Fora, UFJF/MAMM, 2009.

- BAUDRILLARD, Jean. *O Sistema dos Objetos*. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BRANDÃO, Guadalupe S. L. Bernardo. *Essencialismo de Ismael Nery*. In: Ismael Nery e Murilo Mendes: reflexos, Juiz de Fora, UFJF/MAMM, 2009.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Murilo Mendes, colecionador*. Remate de Males, Departamento de Teoria literária IEL/UNICAMP, Campinas: UNICAMP, no. 21, 2001.
- FRIAS, Joana Matos. O Erro de Hamlet. *Poesia e dialética em Murilo Mendes*. Rio de Janeiro: 7 Letras; Juiz de Fora: Centro de Estudos Murilo Mendes – UFJF, 2002.
- GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Murilo Mendes*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- MENDES, Murilo. *Recordações de Ismael Nery*. São paulo: EDUSP, 1996.
- MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Luciana Stegagno Picchio (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MENDES, Murilo. *A idade do serrote*. Rio de Janeiro, Record, 2003.
- MENDES, Murilo. In: *Ismael Nery e Murilo Mendes: reflexos*, Juiz de Fora, UFJF/MAMM, 2009.
- MOURA, Murilo Marcondes de. *Murilo Mendes: a poesia como totalidade*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo: Giordano, 1995.
- LIMA, Jorge. “A Mística e a Poesia”, em *Ismael Nery 50 Anos depois*, 1984.

* Felipe Andrade da Rocha – Aluno de mestrado do PPGACL – Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (IAD/UFJF). E-mail: <felipe.ar@msn.com>.

¹ Local que atualmente, além da coleção de artes visuais, também reuni porções da biblioteca do escritor, assim como outros objetos sobre o poeta, como correspondências que ele trocou ao longo da vida, dentre outros, e também oferece uma série de atividades de importância dentro do contexto cultural regional, promovendo diversos eventos e serviços como exposições, palestras, seminários, e prestando serviços através de seus laboratórios de restauro e conservação de papel, dentre outros.